

RUÍDOS – PARA CHACOALHAR OS SILÊNCIOS. PARA SILENCIAR AS PALAVRAS. PARA HABITAR A CIDADE.

Ana Carolina Brambilla Costa¹

Resumo: Nos trajetos de uma pesquisa de mestrado, proliferam-se os encontros. Primeiro, entre escolas e imagens de artistas brasileiros contemporâneos que se debruçam sobre as questões raciais. Depois, contagiados pela rua, encontros entre sarjetas, postes, imagens, museu, coletivo artístico e cidade. Esse trabalho se propõe a pensar a partir das intensidades dos encontros que culminaram na intervenção artística *ruídos*, realizada em Descalvado (SP). O conceito de coisa de Tim Ingold (2012) instiga questões: quando imagens que carregaram identidades habitam a cidade, que perturbações causam? Que gagueiras propõem aos discursos? Como afetam a experimentação de hiatos e silêncios em uma educação que extrapola os muros da escola? Que potências de vida as imagens em fluxo carregam? Interessa, assim, pensar na instauração dos modos de existência próprios das imagens na relação com a cidade e com as questões raciais. Fazê-las existir mais, em seus silêncios e ecos, em seus versos de papel branco. Deixá-las criar ruídos que incomodam, ressoam e transitam entre modos de existir. Por fim, entre os movimentos de fuga e de captura em que dançam as imagens, fazer dançar o sensível e proliferar pensamentos sobre escolas, imagens e relações raciais.

Palavras-chave: Imagem; relações raciais; coisa.

Abstract: During a master's research, encounters proliferate. First, between schools and images of contemporary Brazilian artists that focus on racial issues. Then, infected by the street, meetings between gutters, posts, images, museum, artistic collective and city. This work intends to think from the intensities of the meetings that culminated in the artistic intervention *noises*, held in Descalvado (SP). The thing theory by Tim Ingold (2012) instigates questions: When images that carry identities inhabit the city do they cause disturbances? What stutterers do they propose to the speeches? How do they affect the experimentation of gaps and silences in an education that goes beyond the walls of the school? What powers of life do images in flow carry? Therefore, it is interesting to think of the establishment of the modes of existence of images in the relationship with the city and with racial issues. To make them exist more frequently, in their silences and echoes, in their verses of empty paper. Let them create noises, which annoy, resonate and transit between modes of existence. Finally, between movements of flight and capture in which the images dance, we can make the sensible dance and proliferate thoughts about schools, images and racial relations.

Keywords: Image; racial relations; thing.

Este texto ecoa uma pesquisa de mestrado disparada pelo encontro entre visualidades de artistas afro-brasileiros (que trabalham com as identidades negras²) e adensamentos de imagens de áfrias presentes em escolas públicas da cidade de Descalvado (SP). Em oficinas de criação com estudantes, proliferaram desejos de perfurar clichês, pensar outras relações raciais nos currículos, descolonizar. Como, porém, descolonizar meu próprio corpo-docente senão por encontros que me trans-figurem, que me tirem os discursos e me sobrem de silêncios, que esgarcem minha pele até que eu não me reconheça apenas como identidade, mas também em fluxo?

Deleuze, na série de entrevistas que compõe o Abecedário de Deleuze (1988), alerta que os encontros não se dão com pessoas, mas com coisas, com obras. O filósofo se refere aos encontros

¹ Mestranda em Educação. Faculdade de Educação, Unicamp. E-mail: carolbramb@gmail.com.

² Em especial, Moisés Patrício, Ayrson Heráclito e Rosana Paulino.

que dão a pensar, que mobilizam o pensamento; assim desfoca da pessoa como sujeito da cultura-escapando da ideia de erudição- e propõe sair à espreita de encontros, com quadros, com filmes. Nesse sentido, podemos sair à espreita de encontros e encontrar com imagens.

Foram os encontros entre as forças das imagens dos artistas e as coisas escolares (pesquisadora, estudantes, espaços, objetos) que me pareceram potentes ao pensamento, que forcem meu pensamento a pensar (DELEUZE, 1987), colocando-o em fluxo. Suely Rolnik, em palestra proferida para o cargo de professora titular da PUC/SP, diz: “o pensamento é fruto da violência de uma diferença posta em circuito” (1993, p. 145); os encontros de que falo são esses momentos no tempo-espaço escolar em que as coisas escolares, na diferença, entram em circuito.

Encontros que extrapolaram os espaços escolares: porque as coisas vazam (INGOLD, 2012), as propostas de criação, inquietações e perambulações pelos espaços das escolas acabaram reverberando em outros encontros, com a rua, com as imagens presentes-ausentes no Museu Público Municipal e com as criações de um coletivo artístico da cidade. A “diferença posta em circuito”: rua, visualidades dos artistas, visualidades do museu – que se desdobram sobre as escolas.

Cultura e História, assim, com letras maiúsculas, afirmam-se no Museu Público Municipal, cheio de artefatos das famílias mais influentes da cidade. Histórias únicas em imagens: ausências e silêncios que deixam entrever as relações de poder na cidade. Feixes de coisas contadas que atravessam e constituem os corpos e o lugar. Como produzir arte a partir dessas questões? Como dobrar esses feixes? Como habitar a cidade?

De acordo com Tim Ingold (2012), ocupar o mundo subtende que seus conteúdos estariam aprisionados em formas finais, fechadas, que nos dão- ou às quais damos- as costas. Habitá-lo, por outro lado, é seguir junto seus fluxos, em processo interminável de formação. É perceber que não agimos SOBRE o mundo e seus objetos ou, inversão semelhante, o mundo e seus objetos não agem SOBRE nós, mas que seguimos “em mútua permeabilidade e conectividade” (idem, p. 32), não como objetos mas como coisas, vazando.

Quando se pergunta “Onde começa a árvore e termina o resto do mundo?” (p. 28), Ingold propõe o exercício de pensar sobre as permeabilidades entre as superfícies, pelas quais circulam forças de vida que geram movimentos incessantes – os quais reconstróem as superfícies, sempre temporárias. A árvore é uma coisa na relação íntima que trava com os pequenos seres em seu tronco; a pipa não é um objeto ao qual daremos vida (sobre o qual temos agência) ou que tem um princípio de agência próprio que nos afeta, mas uma coisa: trazida à vida na relação com o vento, uma “pipa-no-ar”. Nesses fios que compõe as coisas, a vida acontece: as coisas surgem, trombam-se, entrelaçam e se recriam continuamente.

Não estamos falando, nesse caso, de conexão ou de agência, como pontua o autor. Não é o caso de dois pontos que se ligam, ou de uma polarização objeto-sujeito em que um tem agência sobre o outro; mas de um fluxo, um movimento no qual os pontos de perdem pois o que importa é o trajeto: é no trajeto-processo que a vida acontece, incontida apesar das tentativas de delimitá-la em superfícies organizadas. Esses fluxos de vida estão pulsando nos materiais do mundo, ao contrário da ideia de matéria (ou materialidade) que precisa da força humana para torna-la forma. Assim, “onde quer que olhemos, os materiais ativos da vida estão vencendo a mão morta da materialidade que tenta tolhê-los” (p. 37), seja a erva-daninha rompendo o asfalto, sejam imagens impressas nas sarjetas da cidade.

A percepção para as coisas e os fluxos de vida no leva a perguntar: onde termina a imagem e começa a escola? E a cidade? Se pensarmos nas superfícies das imagens e em seus materiais como feixes de fios, porosas, quais as relações potentes que estabelecem na educação escolar? Onde termina a imagem e começa o professor? Que pequenos seres habitam nesses vazamentos? Que fios soltos permitem ser vislumbrados numa pesquisa?

Questões que tencionam trazer as imagens-coisas de volta a vida na escola e no museu, ou mais precisamente, descobrir a vida que pulsa nas imagens-coisas, em geral contida em superfícies bem organizadas e legendadas no cotidiano escolar.

E sobre o “trazer de volta a vida”, Ingold retoma a ideia de seguir as forças dos materiais elaborada por Paul Klee, de itinerar nos fluxos, como compõem Deleuze e Guattari (2004). Trazer de volta a vida- a criatividade- é um movimento de “ler as coisas ‘para a frente’” (p. 38), ou seja, de não percorrer novamente os pontos já traçados, tentando conectá-los, mas de seguir no processo do trajeto; seguir para a frente, seguir as forças dos materiais, seguir os fluxos dos emaranhados de linhas, em movimentos de “descarga e vazamento”, no contrário da captura e contenção.

Embora o texto de Ingold trabalhe articulando oposições (objeto e coisa, agência e vida, materialidade e material), é importante considerar que os movimentos de captura e os de vazamento (assim como espaços lisos e estriados ou realidade e ficções) não são excludentes entre si. Se fossem, seria fácil cairmos na armadilha de substituir um movimento pelo outro.

O que nos interessa é a composição desses movimentos que sempre se reorganizam e se transmutam: os movimentos de vazamento que tentam ser capturados e as capturas que podem vaziar; os espaços lisos que se convertem em estriados, os estriados que remontam a lisuras, já que

[...] devemos lembrar que os dois espaços só existem de fato graças às misturas entre si: o espaço liso não para de ser traduzido, transvertido num espaço estriado; o espaço estriado é constantemente revertido, devolvido a um espaço liso. Num caso, organiza-se até mesmo o deserto; no outro, o deserto se propaga e cresce; e os dois ao mesmo tempo. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 180)

É nos fluxos desses movimentos que propomos os encontros com as imagens de arte e com as questões raciais na educação. Os movimentos de luta que estão na gênese da lei 13.639/03, alterada pela lei 11.645/08, em embate político por reconhecimento e direitos, são absorvidos pelo estriado da legislação e do currículo. Quais movimentos na educação poderiam tencioná-los em espaços lisos? Tendo clareza da possibilidade de que esses movimentos sejam de novo organizados pelo estriado, e que as lisuras e as estrias existam ao mesmo tempo, interpenetrando-se.

Nesse sentido, quando corpos-imagens que carregaram identidades negras, indígenas, trans, nordestinas habitam a cidade, que contágios propõem a esses movimentos educacionais que buscam pensar as relações raciais? Que gagueiras causam nos discursos? Afetam a experimentação de hiatos e silêncios em uma educação que extrapola os muros da escola?

Constrói-se, assim, a intervenção artística *ruídos*, que será aprofundada mais adiante. Proposta pelo coletivo artístico já mencionado, a ação deseja a habitação dos postes e sarjetas do centro histórico da cidade de Descalvado com imagens impressas e textos que reverberam as identidades ausentes nas imagens do museu.

Embora a intervenção (assim como a pesquisa nas escolas) parta de uma ação humana (sujeito-pesquisadora), esse texto busca também compor com os desvios potentes contidos no inumano: as pedras das sarjetas, os papeis impressos, o asfalto. Interessa, assim, bordar com as linhas que transbordam dessas habitações imagem-rua-museu-escola-identidades; pensar a partir dos estouros e silêncios que escapam da intencionalidade dos sujeitos e que põem os pensamentos e as identidades em fluxo. Fabular a cidade.

Esboços do lugar

Descalvado é um município pertencente à região centro-leste do estado de São Paulo. Latitude: 21°54'14" sul. Longitude: 47°37'10" oeste. Altitude: 679 metros. Possui área de 753,706 km² e população estimada de 33.165 pessoas (IBGE, 2016). Fundada em 8 de setembro de 1832. Lema: *Nequaquam minima es* (De maneira alguma és a menor).

e

Em Descalvado, há uma história oficial, ilustrada no museu. Essa história baliza as ecologias da cidade. Ao adentrar um lugar- qualquer, tem-se que responder filha (o) de quem você é: identidades são certeiras e geracionais. As terras – imensas plantações de cana- são de uns poucos alguéns. Sobrenomes abrem e fecham portas e relíquias de família são expostas como artefatos de verdade histórica. O mito da democracia racial caminha altivo pelas ruas, pintando entre os bairros sinais de perigo: aqui, preto, pobre, nordestino. E ele usa o whatsapp, em comunicação direta com a polícia.

e

“Clarear do século XIX. No vastíssimo sertão de Araraquara o que seria futuramente, o município de Descalvado. Terra de índios, ainda, terra dos caiagangues [sic], da família dos Jês... Caminhos não havia. Somente as trilhas dos índios. Terra para ser descoberta, pelo homem branco, com seu solo ubérrimo, sem dono.(...) Únicos donos, os caiagangues com o seu primitivismo humano, com sua civilização prístina. Únicas presenças do homem, a do índio nas ocas esparsas pela vastidão ilimitada. O Gênesis para o índio caiagangue, que pressentindo a presença do branco, fugiu para longe antes da chegada dos primeiros habitantes.” (Gérson Álfio de Marco, em torno de 1960, Atlas Histórico de Descalvado).

e

Somos loucas, artistas, putas e veados. e descaldenses. Nossos sobrenomes abrem portas. Quando as abrimos, seguramos com força para que não fechem. Mas isso nos tira o ar. Porque ninguém sabe, ninguém pode saber: que somos loucas, artistas, putas e veados. Que somos kaingang, travestis, pretos, nordestinos. Que somos outros, atravessados por outros e em constante movimento de nos outro-estar. Transitamos em precário equilíbrio nas linhas duras que organizam as relações de poder da cidade. Mas isso nos tira o ar, nos apaga de nossa própria existência. [Sobre]vivendo, arfando o peito, não queremos ocupar a cidade. Queremos habitá-la.

Ruídos

A ação *ruídos*, chamada de intervenção pelo coletivo artístico, fez-se como uma busca por habitar o mundo-cidade-Descalvado. Por tornar permeável seus casarões, por coisificar sua história, esgarçar os contornos tão certos e definidos do museu, deixando-o contaminar por camadas de imagens e histórias outras; nas palavras de Ingold (2012, p. 35), uma ação para “descobrir a vida das coisas”.

Com a proposta de que as imagens e as pessoas habitassem os lugares-ruas, não houve grande preocupação técnica nas composições artísticas com o espaço; interessava mais os movimentos incessantes de relação que as coisas traçavam entre si, no fluxo dos materiais. E então se põe o desafio de acompanhar esses movimentos, de ampliar a percepção para ser afetada -corpo pesquisadora- por eles. E, a partir de suas intensidades, fazer proliferar pensamentos desviantes.

A intervenção foi a colagem de imagens – fotografias e textos- coletadas em diferentes fontes pelos membros do coletivo. Essas imagens foram selecionadas a partir dos incômodos disparados pelas ausências nas imagens dos museus. Por vezes artísticas, por vezes retiradas de

revistas e jornais, as imagens impressas foram coladas (como lambes e oferendas) em postes e sarjetas ao longo de uma rua do centro da cidade, chamada “Barão do Descalvado”. Homenagem a um grande proprietário de fazendas de café, a rua liga a Igreja Matriz ao Museu Público, e ao longo dela se encontram casarões que datam da fundação do município, ainda preservados. Neste trajeto, foram coladas as imagens-ruídos: ruídos porque incomodam, fora do lugar geralmente destinada a elas; porque bagunçam as transmissões de mensagem; ruídos porque há ruínas, embora nem sempre visíveis.



Montagem a partir dos registros da intervenção. Acervo pessoal.

Não interessava fazer uma revisão histórica, tampouco substituir os discursos de museu, mas revirar a própria memória nas potentes permeabilidades entre textos, discursos, imagens, forças e corpos. Cavando brechas desde dentro do Museu e de suas dobras nas escolas, na cidade e no próprio coletivo, deixar explodir a flecha de sentido passado-presente-futuro para ver emergir “temporalidades insuspeitadas” (PELBART, 2009, p. 31). Kaingang que olham os cidadãos dos postes, sem “fugir ao pressentir a presença” dariam a ver “arestas insuspeitadas” (Caetano Veloso, Estrangeiro, 1989) na pacatez rural da cidade do interior?

Trata-se de compreender a intervenção mesma como um processo de nos coisificar na cidade. Ela não é um ponto que liga as dualidades, não é um final crítico, não é dar às luzes uma outra razão; é um meio onde o estar-sendo artista diante do silenciamento invisível e invisibilizador exige uma tomada de partido. Deixar-se outro-estar, deixar-se atravessar pelas forças de outras identidades, por outras violências. Experimentar o silêncio, o sufoco. No áspero do asfalto, ruir as identidades, ser fluxo com o poste, com a pedra. Habitar no entre museu-sarjeta. Como diz Lapoujade (apud Pelbart, 2013, p. 398): “É isto entrar no ponto de vista de uma existência, não para ver por onde ela vê, mas para fazê-la existir mais (...)”.

Aqui não tratamos apenas dos modos de existência que se fazem marginais à construção oficial de memória no município (negros, nordestinos, kaingang...), mas da instauração dos modos de existência próprios das imagens na relação com a cidade. Fazê-las existir mais, despiando as conformações de representação, significação e ilustração que lhes são conferidas. Deixá-las falar, em seus silêncios e ecos, de seus próprios mundos. Deixá-las criar ruídos, que incomodam, ressoam e transitam entre modos de existir.

E gaguejar, no limite das capturas, para escapar das armadilhas de desejos de Verdade (com todas as maiúsculas) que podem estriar as forças desses movimentos, categorizando-os, limitando-os. Considerando-os solução.

Pois, mais que inventariar modos de existências negros ou kaingang nas ruas de Descalvado, importa, de acordo com Pelbart (2013), as passagens entre eles: transições, deslizamentos, desmaios e negociações “entremodos e entremundos”. Insistir no entre e no fluxo para pensarmos em um modo de existência ainda por inventar, uma terra porvir que “nunca cessa de se fazer, pois não reconhece começo nem fim. Dessa forma, não remete nem erige modelos” (GODOY, 2008, p. 61).

Assim, entre os movimentos de fuga e de captura em que dançam as imagens, fazer dançar o sensível e proliferar pensamentos sobre educação, imagens e relações raciais. E que afetações as habitações imagens-sarjetas podem causar? Imagens que ressoam identidades e carregam em si gritos silenciosos. Mas, principalmente, imagens-fora-de-lugar.

As habitações em postes e sarjetas incomodaram os moradores da rua. Em poucas horas, os papéis colocados foram arrancados e rasgados. Nas redes sociais, estranhamento com aquela “macumba urbana” (palavras de um dos internautas). O padre foi chamado para benzer uma das esquinas. Outros comentários proliferaram, questionando a intolerância religiosa. Que podem essas imagens-fora-de-lugar, fora das molduras dos museus, das legendas e textos explicativos dos materiais didáticos? Que nos dão a pensar sobre as relações raciais naquela cidade do interior?

Seguindo os fluxos dos materiais, as imagens-fora-de-lugar captaram forças (DELEUZE, 2002, p. 62) e fizeram emergir a “a luta da vida contra aquilo que a ameaça, isto é, contra o que faz a vida medíocre e ressentida, pacificada e domesticada” (GODOY, 2008, p. 84). Demorou menos de 24 horas para que fossem retiradas, mas deixaram fios soltos que entremearão outros feixes, outros pensamentos, outras insurreições.



Registro da intervenção. Acervo pessoal.

Referências

DELEUZE, G. *Francis Bacon: lógica da sensação*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

DELEUZE, G.; GUATARRI, F. O liso e o estriado. In: _____. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 5. São Paulo: Editora 34, 2007. p. 179-214.

GODOY, A. *A menor das ecologias*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

INGOLD, T. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012

PELBART, P. P. Imagens do (nosso) tempo. In: FURTADO, B. *Imagem contemporânea*. v. II. São Paulo: Hedra, 2009. p. 29-42.

_____. *O avesso do nihilismo: cartografias do esgotamento*. São Paulo: N-1 Edições. 2013.

MARCO, G. A. História 1: a terra dos índios caiangangues. In: KASTEIN, L. C. A. *Conheça Descalvado*. Sem data. Disponível em: <<http://www.descalvadoonline.com.br/conhecadescalvado/>>. Acesso em: 11 dez. 2017.

ROLNIK, S. Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. *Cadernos de Subjetividade*, v. 1, n. 2, p. 241-251, São Paulo, set./fev. 1993.